

# TOQUES QUE REGEM O TEMPO.

## OS SINOS E A TRADIÇÃO SINEIRA EM CORTE DO PINTO E NA MINA DE SÃO DOMINGOS (MÉRTOLA)

DANIEL CARDEIRA\*

**Resumo:** O presente trabalho pretende contribuir para o estudo da tradição sineira, através da análise dos sinos das igrejas de Corte do Pinto e da Mina de São Domingos, duas povoações do concelho de Mértola. Nos últimos anos, foram elementos femininos da comunidade que tangeram os sinos destes templos. Através da memória oral de Ana Mendes, a atual sineira de Corte do Pinto, desvelamos um pouco da realidade das tocadoras de sinos destas aldeias.

*Os sinos destas duas povoações geograficamente próximas refletem as diferenças das condições em que se formaram e se desenvolveram, mas, também, os fortes vínculos que detêm entre si. Através da sua materialidade, os sinos permitem-nos deslindar o contexto em que estão inseridos tanto hoje como no passado.*

**Palavras-chave:** Sinos; Sineiras; Corte do Pinto; Mina de São Domingos; Paisagem sonora.

**Abstract:** *The present work aims to study the bell-ringing tradition and the bells of the churches of Corte do Pinto and Mina de São Domingos, two villages in the municipality of Mértola, belonging to the same parish. In recent years, female community members have rung the bells of these temples. Through the oral memory of Ana Mendes, the current bell ringer of Corte do Pinto, we reveal the reality of the bell ringers in these villages.*

*The bells of these two geographically close villages reflect the differences in the conditions in which they were formed and developed, as well as the strong links between them. Through their materiality, bells allow us to uncover the context in which they are inserted, both today and in the past.*

**Keywords:** Bells; Bell ringers; Corte do Pinto; Mina de São Domingos; Soundscape.

## 1. A TRADIÇÃO SINEIRA EM CORTE DO PINTO. O TOQUE DOS SINOS NO FEMININO

A mensuração do tempo no quotidiano das comunidades foi, durante muitos séculos, feita através do toque dos sinos, como bem refere Ana Cristina Sousa: «O toque dos sinos marcava o ritmo do quotidiano, constituía um mecanismo disciplinador do dia a dia dos clérigos e das populações, refletindo-se nos horários do trabalho diário, acompanhando o crescimento e assinalando os principais momentos da vida do cristão do nascimento até à morte» (Sousa 2010, p. 151). Os sinos eram, por isso, uma alfaia litúrgica essencial a qualquer paróquia. Estes regiam não só os momentos de culto, mas, também, o tempo do trabalho que, neste território em particular, consistia sobretudo em atividades agropastoris, de coleta de recursos endógenos e na extração mineira.

---

\* Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Investigador do CITCEM (UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: [danielcardeira@gmail.com](mailto:danielcardeira@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6955-5546>. Referência do financiamento: UI/BD/153611/2022.

O som dos sinos faz parte do quotidiano da comunidade e da paisagem sonora do território. Comunica e informa hoje, da mesma forma que o fazia há algumas décadas, quando a freguesia era muito mais povoada, a mina estava ativa e os «montes» da zona serrana eram habitados. É do conhecimento geral dos habitantes que «com o vento o som vai longe»<sup>1</sup> e que, por vezes, conforme a direção do mesmo, se ouvem os sinos de Corte do Pinto na Mina de São Domingos, e que, de igual forma, se escutam os sinos da Mina de São Domingos em Corte do Pinto.

A freguesia de Corte do Pinto localiza-se no extremo nordeste do concelho de Mértola: o rio Chança delimita a fronteira com Espanha, a norte é enquadrada pelas serras de Mértola e Serpa<sup>2</sup> e a sul pela ondulação suave da margem esquerda do Guadiana. A aldeia de Corte do Pinto é a sede da freguesia. Possui 70,69 km<sup>2</sup> de área<sup>3</sup> e, segundo os Censos de 2021, tem 735 habitantes<sup>4</sup> distribuídos sobretudo entre as duas localidades mais representativas que dela fazem parte: Corte do Pinto e Mina de São Domingos.

A divisão do Baldio da Serra de Serpa, em 1906, e da Serra de Mértola, entre 1926 e 1927 (Rodrigues 2017, pp. 16 e 37), resultou no aumento da população dispersa na serra e, certamente, na necessidade de os sinos serem ouvidos a maiores distâncias. A exigência de fazer chegar o som dos sinos a um amplo território é, como veremos, um dos motivos que justificam a construção das torres sineiras em posições de destaque no território, independentemente da época em que são construídas. Numa terra onde é difícil de prosperar, é expectável que durante muito tempo a maioria da população não tivesse acesso a dispositivos mecânicos de medição do tempo, justificando-se, assim, a importância do toque dos sinos outrora. O som dos sinos continua a ter um elevado valor para a comunidade, que mantém a tradição de os tanger manualmente.

Na década de 1850 ocorre uma profunda transformação da paisagem da região. Nicolau Biava descobre, em 1854, «quatro minas de cobre situadas na “Serra de Sancto Domingo”» (Alves 1997, p. 38), localidade que pertencia, à época, à freguesia de Santana de Cambas. O jazigo, explorado interruptamente de 1857 a 1967 (Alves 1997, p. 46), deu origem ao grande complexo mineiro de São Domingos, que exigiu a construção de estruturas de apoio, particularmente, habitações para trabalhadores, estradas, caminhos de ferro e o porto fluvial no Guadiana. A povoação homónima, criada para servir a indústria mineira, provocou um aumento radical na densidade populacional do concelho. «Só entre 1864 e 1890, o aumento da população na freguesia de Corte de Pinto — onde estavam localizadas a norte, a Serra e o seu Baldio,

---

<sup>1</sup> Entrevista a Ana Mendes a 28 de novembro de 2023.

<sup>2</sup> Segundo o estudo de Cancela de Abreu, as «Serras de Serpa e Mértola» integram uma mesma unidade paisagística apesar da divisão territorial entre o concelho de Mértola e o de Serpa (D'Abreu, Correia e Oliveira, coord. 2004, pp. 123-128).

<sup>3</sup> 1069 hectares segundo o Dicionário Enciclopédico das freguesias (Silva, coord., 1998, pp. 57-58).

<sup>4</sup> Informação disponível no site do INE: <https://tabulador.ine.pt/indicador/?id=0011609>.

e a sul a mina — esteve na ordem dos 519%, passando de 588 para 3638 habitantes» (Rodrigues 2017, p. 52).

O aumento abrupto de paroquianos resultou num diferendo entre os párocos de Corte do Pinto e de Santana de Cambas. Tendo inicialmente esta população ficado submetida à alçada da segunda, só em 1865 foi transferida para a jurisdição de Corte do Pinto (Alves 1997, pp. 57-58). Note-se, a título de curiosidade, que os sinos também provocavam disputas entre localidades: «O sino foi desde cedo motivo de rivalidades e disputas entre comunidades [...] sendo por isso compreensível esta vontade e orgulho em fazer o seu sino ser ouvido à máxima distância possível» (Sebastian 2006 apud Felícia 2019, p. 11).

Apesar de Corte do Pinto e Mina de São Domingos serem povoações de natureza aparentemente diferente, a verdade é que por questões administrativas, de proximidade física e socioeconómicas, ambas estão intimamente ligadas. Muitos trabalhadores partiram de Corte do Pinto e de outros montes dispersos na serra, para a sua atividade no complexo mineiro, levando consigo os seus costumes e, de igual forma, propagando uma cultura específica e original, nascida do encontro de todas as gentes que formaram a Mina de São Domingos. Embora se afirmem como dois locais orgulhosamente singulares, os elos entre os dois povoados perpetuaram-se até ao presente e testemunham os acontecimentos passados. O tanger dos sinos executado por mulheres é um dos aspetos que unem estes lugares. Esta prática implicou a renúncia de determinados preconceitos e a adaptação de costumes, uma vez que tradicionalmente esta era uma tarefa reservada ao universo masculino (Felícia 2019, p. 127). A realidade era ditada por crenças supersticiosas, como, por exemplo, a de «que qualquer mulher que se atrevesse a tocar o sino ficaria condenada à esterilidade até que casasse e o marido» (Vasconcelos 1982 apud Felícia 2019, p. 127) mordesse um badalo. O toque manual dos sinos na Mina de São Domingos e em Corte do Pinto é, por isso, um estudo de caso que permite compreender a natureza viva do património intangível, que se altera, adapta e renova com vista à preservação da memória e da identidade da comunidade que o detém<sup>5</sup>.

Em novembro de 2023 tivemos a oportunidade de entrevistar a *sineira*<sup>6</sup> Ana Mendes, responsável pelo tanger dos sinos de Corte do Pinto. Como veremos adiante, Ana Mendes não é a primeira mulher responsável por fazer tocar os sinos nesta igreja. Apesar da aparente raridade desta prática, a *sineira* de Corte do Pinto não é um caso isolado<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Refira-se a longa reflexão que o papel da mulher, na vida eclesial, tem sofrido sobretudo a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) (Benedetti e Duarte, ed., 2017).

<sup>6</sup> Nome que pode significar alguém que funde ou fabrica sinos assim como alguém que a «pessoa que tem por função tocar o sino ou os sinos» (Sineiro [s.d.]). Neste caso, utilizamo-lo na sua primeira forma.

<sup>7</sup> Para além das *sineiras* que mencionaremos no decorrer do presente texto, deparámo-nos com a referência de Rodrigo Teodoro de Paula à Senhora Fernanda Zurzica, que toca a chamada para a missa na Igreja de Santo Antão de Évora (Paula 2021).

Nascida a 25 de dezembro de 1970, na aldeia de São Francisco de Assis (Covilhã), Ana Maria Dias Mendes tem as suas raízes em Corte do Pinto. O seu pai, Manuel Mendes, e avô, Joaquim Dias, eram também sineiros na igreja de Corte do Pinto. Apesar da familiaridade com a prática, não foi, contudo, com a família que aprendeu a tocar os sinos, porque «antigamente eram só os homens que tocavam»<sup>8</sup>. Ana Mendes aprendeu e sucedeu, como sineira, a Leonor Maria Gonçalves<sup>9</sup>, ao que sabemos, a primeira mulher a tocar os sinos na aldeia e que lhes sabia «dar o toque perfeito»<sup>10</sup>. Leonor, por sua vez, terá aprendido a arte pelo contacto com anteriores sineiros, possivelmente o pai e o avô de Ana Mendes, assim como com o Tio Silvestre, o sineiro que a antecedeu<sup>11</sup>.

Durante alguns anos, ambas as sineiras eram chamadas para *dar o toque*<sup>12</sup>. Porém, desde há aproximadamente cinco anos que, devido a limitações próprias da idade, Leonor deixou de executar esta tão importante tarefa.

Na igreja existem 3 sinos que são tradicionalmente tangidos manualmente. Ana Mendes é ainda hoje chamada para dar o toque de convocação para a missa, o de anunciação de morte e o que acompanha os funerais. Existem, contudo, na memória coletiva dos habitantes locais, outros toques que eram realizados em ocasiões festivas ou para informar incêndios ou desastres. Estes últimos já não são executados.

Devido às variações locais que estes toques podem assumir, torna-se urgente registar o modo como cada sinal é emitido e o seu significado. Em Corte do Pinto, o toque de chamada para a missa é feito apenas com o sino a sul, o menor do conjunto, e apenas acontece quando os fregueses pedem para a sineira o executar.

Quando falece um paroquiano, são dobrados os dois sinos funcionais da pequena torre. Se o defunto for masculino, são tangidos apenas uma vez, se for feminino, o toque é repetido uma segunda vez. Esta distinção do sexo do defunto pela repetição é transversal a outros contextos, uma vez que, de forma a comunicar com a comunidade, «estes instrumentos contavam com sistemas de codificação sonora que permitiam diferenciar cada um dos acontecimentos» (Felícia 2019, p. 130). No caso dos nascimentos, «era possível identificar se tinha falecido ou nascido um homem, mulher ou criança pelo número de badaladas tocadas» (Felícia 2019, p. 130).

O toque fúnebre é dado apenas com o sino pequeno, que anuncia e acompanha a saída do funeral da casa mortuária até um terço do caminho que é feito para o cemitério. A nossa vivência pessoal, de uma infância passada entre Mina e Corte do Pinto, testemunha a prática de os membros da segunda aldeia abandonarem os seus afazeres e se deslocarem para presenciar o funeral, quando os sinos começam a soar. Assim, ainda hoje toda a comunidade participa nos rituais fúnebres e acompanha o finado até ao seu lugar de eterno repouso.

---

<sup>8</sup> Entrevista a Ana Mendes a 28 de novembro de 2023.

<sup>9</sup> Conhecida em Corte do Pinto apenas pelo nome próprio, Leonor, foi-nos impossível chegar à fala com a antiga sineira da aldeia, uma vez que a mesma já não reside na mesma.

<sup>10</sup> Entrevista a Ana Mendes a 28 de novembro de 2023.

<sup>11</sup> Entrevista a Ana Mendes a 28 de novembro de 2023.

<sup>12</sup> Expressão usada localmente para referir o ato de tanger os sinos.



**Fig. 1.** Ana Mendes a tanger os sinos, Corte do Pinto, 29 de novembro de 2023

Fonte: Fotografia do autor

Na manhã do dia 29 de novembro de 2023 tivemos a oportunidade de assistir a um toque por defunto (Fig. 1). Os sinos utilizados encontram-se na torre menor e mais antiga da igreja, sendo, como veremos, o sino da torre do relógio reservado para informar as horas através de um sistema automático. O acesso à torre primitiva, posicionada a nascente, faz-se por um pequeno pátio com entrada pela sacristia. Suspeitamos que, em algum momento no tempo, o acesso fosse possível diretamente a partir do exterior da igreja, uma vez que nos parece que uma das paredes do pátio e a própria sacristia correspondem a acrescentos mais recentes relativamente à restante estrutura. Porém, as alterações poderão também ter sido resultado de obras de restauro e manutenção. Também há a possibilidade de os sinos terem sido tangidos a partir do exterior do edifício através de cordas, prática comum em tempos recuados.

Os sinos são tocados no cimo da torre por meio de um sistema de cordas presas aos badalos. Ana Mendes atua de modo perfeitamente coreográfico, que resulta num verdadeiro espetáculo acompanhado pela música dos sinos. A sineira não usa tampões, nem tapa os ouvidos, para minorar o som ensurdecador. Apenas vira a cabeça para o lado oposto ao da direção do toque que é dado no momento.

Sobre o processo de aprendizagem, Ana Mendes sublinha que o toque dos sinos leva tempo a aprender, «não é instantâneo, não se aprende logo, é preciso prática»<sup>13</sup>. A sineira pretende aprimorar a sua forma de tocar uma vez que, segundo ela, não sabe ainda fazer «o toque de forma perfeita»<sup>14</sup>. O ofício parece estar assegurado nesta família e neste lugar pela aprendizagem geracional. A filha de Ana, Joana Mendes, acompanha agora a sua mãe à torre sineira e está empenhada em aprender.

Na Mina de São Domingos, os sinos também são tangidos de forma manual. Durante várias décadas foram tocados por Joaquim da Garça, músico da terra

<sup>13</sup> Entrevista a Ana Mendes a 28 de novembro de 2023.

<sup>14</sup> Entrevista a Ana Mendes a 28 de novembro de 2023.

conhecido pela sua habilidade a tocar acordeão<sup>15</sup>. Após o seu falecimento, em 2018, a tarefa foi assumida pela sua esposa, a Dona Umbelina Maria. Também a paroquiana Dona Isabel Valente esteve incumbida desta função. Nos últimos anos, a Dona Bernardete Marques é quem tange os sinos, confirmando que também nesta povoação as *Vozes de Deus* soam por mãos femininas.

## 2. A IGREJA PAROQUIAL E OS SINOS DE CORTE DO PINTO

Localizada numa leve elevação, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Corte do Pinto (Fig. 2) encontra-se no centro da aldeia, tendo um lugar de destaque na paisagem. A igreja vê-se praticamente de toda a povoação, sendo este aspeto uma memória diluída do papel que outrora ocupou na veiculação de informação à comunidade (Ferreira de Almeida 1966 apud Felícia 2019, p. 109). A torre do relógio é dos primeiros elementos a surgir no horizonte, ainda antes de entrarmos na aldeia através da estrada municipal que parte da Mina de São Domingos<sup>16</sup>, impondo-se sobre a paisagem. Como já referido, a localização privilegiada permite a propagação do som por amplas distâncias, tão necessário a um território com uma população que, apesar de parca, é relativamente dispersa.

Orientada, com a entrada a oeste, a planta é longitudinal, composta por uma nave com abóbada de berço, uma capela lateral e a capela-mor. Na lateral norte da ousia encontra-se a sacristia, que dá acesso à primitiva torre sineira, adossada a norte da capela-mor. Na fachada frontal e adossada a sul, encontra-se a torre sineira mais recente com o mecanismo do relógio.

A primeira referência a este edifício surge em 1554 no registo das visitasões da Ordem de Santiago à aldeia de Corte do Pinto<sup>17</sup>. O novo edifício estava em construção, já com a nave e o altar-mor levantados em alvenaria com uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, «a nova padroeira que os fregueses elegeram» (Boiça 1998, p. 86). A igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição terá sido construída no centro do povoado porque o templo paroquial até então, a Ermida de S. Simão e S. Judas, encontrava-se «afastado do llugar» (Barros, Boiça e Gabriel 1996, p. 328).

As Visitações de 1565 dão-nos uma vaga ideia de como seria o espaço à época: «não tem capela/no Corpo da Igreja estaa hum altar omde se diz a myssa aos fregueses» (Barros, Boiça e Gabriel 1996, p. 367). A igreja seria feita de pedra e cal «os alicerces/E

---

<sup>15</sup> Veja-se a entrada dedicada ao músico na plataforma do projeto *A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria* disponível em: <https://amicaportuguesaagostardelapropria.org/map>.

<sup>16</sup> Esta entrada da aldeia é localmente conhecida por «Portela da Vila» e tem junto à estrada um painel de azulejo de temática mariana. Infelizmente, o original do século XX, pintado manualmente na Fábrica de Loiça de Sacavém, foi danificado por um tornado, em 2014, e não conhecemos a sua localização atual. O mesmo foi substituído por um painel que replica o desenho original, porém com diferente qualidade plástica.

<sup>17</sup> As Visitações da Ordem de Santiago são essenciais para entender as transformações destes edifícios na diacronia. Sobre a arquitetura e a materialidade dos edifícios sobre a alçada da ordem de Santiago, veja-se a tese de Mário Cunha (Cunha 2012).



**Fig. 2.** Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Corte do Pinto, setembro de 2024

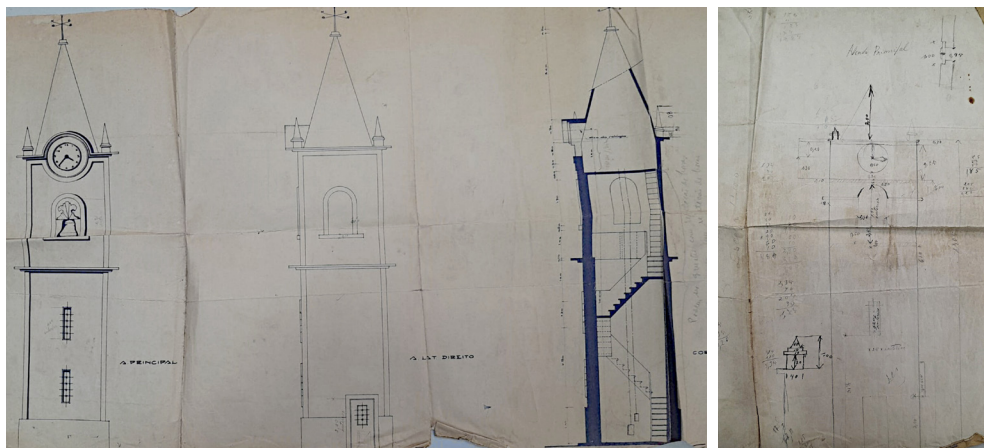
Fonte: Fotografia de Andreia Santos

as paredes de taya guarnecidas de dentro E de fora Com huns botareos da bamda de fora de pedra E cal» (Barros, Boiça e Gabriel 1996, pp. 367-368). Também fica registrada a existência de um sino de pequenas dimensões numa ventana junto à entrada principal: «tem seu campanayro sobre a porta prinçipal com Sua camp/» (Barros, Boiça e Gabriel 1996, p. 368).

A configuração atual da igreja corresponde a uma obra empreendida «em finais da centúria de Seiscentos, adquirindo uma organização espacial que se aproxima à que se reconhece no edifício actual», com a construção de «uma capela-mor abóbada, uma sacristia e uma torre sineira, adossadas àquela, e uma capela lateral, junto ao cruzeiro. Procedeu-se, ainda, à abobadagem da nave e do batistério» (Boiça 1998, p. 86). Boiça afirma, ainda, que existiram algumas obras de ampliação introduzidas posteriormente (Boiça 1998, p. 86), como nos parece ter sido o caso da atual sacristia e da parede que encerra o pátio de acesso à sacristia. A Torre do Relógio foi outra dessas ampliações, realizadas na década de 1960.

É possível acompanhar o projeto da Torre do Relógio, a partir dos documentos conservados na Junta de Freguesia de Corte do Pinto que incluem o Caderno de Encargos, orçamentos e projeto da Torre da Igreja à escala 1:100, bem como a correspondência trocada com a Direção-Geral dos Serviços de Urbanização (JFCP [1964-1966]). O projeto foi pedido pelo presidente da junta, o Dr. Pereira da Silva<sup>18</sup>, no âmbito do *Plano Comemorativo de 1966*, programa de melhoramentos no interior do país promovido pelo Ministério das Obras Públicas do Estado Novo. As várias inscrições com a data de 1966, nos poços de abastecimento de água na aldeia, fazem-nos crer que estes correspondem, também, a infraestruturas que beneficiaram do Plano Comemorativo de 1966.

<sup>18</sup> Informação corroborada através de conversa informal com Idália Barbosa, administrativa na Junta de Freguesia de Corte do Pinto.



**Fig. 3.** Alçados do projeto inicial para a torre do relógio de Corte do Pinto

Fonte: JFCP [1964-1966]

A 23 de junho de 1965, o arquiteto Alberto Rodrigues assinou a apreciação da obra e enviou-a para a Direção-Geral dos Serviços de Urbanização, juntamente com o estudo para a construção da torre sineira e do relógio. O documento apresenta sugestões de alteração de um projeto inicial orçamentado em 67 060\$00 e que seria subsidiado pelo «Plano Comemorativo de 1966 com a participação de 28 contos e o subsídio de 28 contos» (JFCP. *Dossiê referente à construção da Torre da Igreja*, [1964-1966]). Inferimos que o desenho dos alçados da torre sineira, da responsabilidade da Fábrica de Relógios Monumentais de Manuel Fonseca Cousinha em Almada (Fig. 3), corresponda ao projeto inicial, uma vez que estão esboçadas no verso as alterações que se pretendiam para a futura torre.

A descrição das técnicas e materiais a usar, assim como a identificação do empreiteiro, Sérgio Caiado Raminhos, de São Brás de Alportel, encontram-se também no processo. Segundo uma carta endereçada ao presidente da Junta de Freguesia de Corte do Pinto, enviada a 28 de abril de 1966, sabemos que, por essa altura, o empreiteiro tinha «completamente terminado as obras de construção da torre da igreja». Contudo, a obra só ficou formalmente terminada a 28 de dezembro de 1966, data do Auto de Vistoria Geral que não regista «nenhuma observação [...] a fazer quanto ao modo como os trabalhos foram executados» (JFCP. *Dossiê...*, [1964-1966]).

A necessidade de construir uma nova torre para albergar o relógio está explícita num dos ofícios de apreciação do projeto, a primitiva torre era «de reduzida altura, mas sem possibilidade de elevação por não oferecer segurança» (JFCP. *Dossiê...*, [1964-1966]). Seria, por isso, impossível adaptar a antiga torre para receber o relógio. Assim se justifica que, ainda que numa solução pouco convencional, a atual igreja possua duas torres. Com a nova torre, o templo de Corte do Pinto aproximou-se morfologicamente das outras igrejas congêneres das proximidades, como a de Santana de Cambas, que possui, também, a torre do relógio adossada à fachada.



**Fig. 4.** Sino a nascente, Corte do Pinto, 29 de novembro de 2023

Fonte: Fotografia do autor

Atualmente, a igreja paroquial de Corte do Pinto possui quatro sinos. Três encontram-se na torre sineira primitiva, posicionada a nascente. Dois ainda são tangidos de forma manual. O terceiro, por se ter danificado, deixou de ser tocado em meados da década passada. Existe um quarto sino, o mais recente, colocado na torre do relógio.

O sino a nascente (Fig. 4) encontra-se suspenso num cabeçalho de madeira fixo à ventana este da torre e tem algumas particularidades que o distinguem dos restantes sinos da freguesia. A asa singela e a sua configuração são particularmente diferentes das que conhecemos e dos restantes da mesma paróquia. A junção entre a asa e o ombro do sino é sobrelevada. É possível que este aspeto tenha a ver com a técnica de modelação ou de fixação do sino ao respetivo cabeçalho, mas, com os elementos existentes à data, é-nos impossível chegar a mais conclusões.

Outro aspeto curioso é o facto de o cabeçalho apresentar uma cegonha que permitiria a sua oscilação, ou seja, o bamboar<sup>19</sup> do sino. Porém, atualmente o sistema de suspensão encontra-se fixo na estrutura arquitetónica, tornando, por isso, impossível

---

<sup>19</sup> Sobre o bamboar do sino através do sistema de cegonha, veja-se o capítulo «4.2. Formas de tocar o sino» da dissertação de mestrado *De Campanis Fundentis. A Fábrica de Fundição de Sinos de Rio Tinto* de Diana Felícia (2019, pp. 113-117).

o bamboar da peça. Esta configuração levanta-nos algumas questões relativamente à data de colocação da peça e à sua proveniência, uma vez que não parece vocacionada para a estrutura da torre onde se encontra atualmente.

O sino não possui inscrições, elementos decorativos, marcas ou data, apresentando apenas cordões na superfície. Um aspeto bastante peculiar são as suas 8 perfurações simétricas que ostenta na zona superior: 4 na face voltada para o exterior da torre e 4 no lado oposto. O seu posicionamento, em formato de losango, remete para o formato de uma placa informativa ou outro qualquer objeto agregado. Luís Sebastian refere a prática de acrescentar perfurações em sinos para lhes melhorar o som. Contudo, excluimos essa hipótese uma vez que o mesmo autor identifica a prática como «puramente medieval», e por isso anacrónica em relação à presente cronologia. Neste caso, as perfurações seriam feitas «na zona do ombro do sino» (Sebastian 2008, p. 48). Sublinhe-se, ainda, que «a convicção de que esta prática melhoraria realmente a sonoridade final do sino é, cientificamente, um erro, provavelmente um equívoco fruto de má interpretação, natural numa atividade baseada no empirismo técnico» (Sebastian 2008, p. 48).

Outrossim, o perfil exterior parece-nos diferente dos outros dois sinos da mesma torre: é mais reto até mais de metade da barriga, a sua convexidade é mais próxima do bordo e o ombro parece mais angular. Esta morfologia remete-nos para os sinos de fabrico inglês presentes na Igreja da Mina de São Domingos e que analisaremos no ponto «3. A Igreja e os sinos da Mina de São Domingos». Pelo seu formato, pela possibilidade de ter existido um objeto ou placa agregado, assim como pela ausência de inscrições e elementos iconográficos, indagamos a possibilidade de este sino não ter sido produzido para servir propósitos litúrgicos, mas que possa ter estado associado a alguma das infraestruturas da mina como a escola<sup>20</sup> ou o quartel da polícia<sup>21</sup>. Apesar de não encontrarmos exemplos paralelos de elementos agregados aos sinos, conjecturamos que neles possam ter estado, outrora, informações relativas ao fundidor, ao comitente ou ao seu destino original.

Atualmente o sino encontra-se danificado. Por ausência de manutenção, o badalo já não se encontra funcional e o sino está inutilizado. Em tempos, Ana Mendes chegou a tangê-lo. Não sendo possível datar com precisão o ocorrido, podemos constatar, através do Google Street View, que, em janeiro de 2015, existia ainda uma corda presa ao badalo, pelo que concluímos que a inutilização foi posterior.

---

<sup>20</sup> Como se pode verificar através da fotografia disponível *online* no site do CEMSD, a primitiva escola da mina teria um nicho para receber um sino (CEMSD [s.d.]a). Esta terá sido demolida, juntamente com outras infraestruturas, na década de 70 do século XIX para dar continuidade à exploração mineira a céu aberto.

<sup>21</sup> Atualmente, ainda é possível observar a torre do antigo quartel da polícia, agora conhecida por Casa da Torre. Está ainda presente na memória de muitos locais os tempos em que a torre terá tido um relógio mecânico e um sino que foram, em meados do século XX, substituídos por uma sirene. Esta informação é corroborada por vários comentários no Grupo de Amigos da Mina de São Domingos no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=5758654644202400&set=gm.6372912792736255&idorvanity=155947664432830> [consult. 2024-09-11].

O sino a sul (Fig. 5, à esquerda) é o menor do conjunto e apresenta uma asa singela. Encontra-se no vão voltado a sul da primitiva torre sineira. É decorado com cordões e uma rendilha junto ao ombro, possuindo uma inscrição «SILVA FILHOS . LX<sup>a</sup> 1862», que atesta a sua produção por Manoel António da Silva, em Lisboa, no ano de 1862. Porém, não encontramos o registo da sua encomenda.

O fundidor Manoel António da Silva exerceu a sua atividade no século XIX, como comprovam várias inscrições já identificadas: nos oito sinos da Igreja do Santíssimo Nome de Jesus (Odivelas, 1866); no sino da Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, no Vale do Paian (Odivelas, 1867) (Valdez 1916, pp. 202-203); nos oito sinos da Igreja de São Cristóvão (Lisboa, 1881) (Valdez 1912a, p. 412); nos seis sinos da Igreja de São José em Santa Justa (Lisboa, 1860) (Valdez 1912a, pp. 419-420); nos oito sinos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Barreiro, 1837) (Valdez 1912b, p. 550), «fundidos nas oficinas de Manuel António da Silva, Filhos e Santareno, em Lisboa» (SIPA 2011a); no sino do campanário dos antigos Paços do Concelho e atual Junta de Freguesia de Vila Ruiva (Vila Ruiva, 1863) (Espanca 1992, p. 301).

O sino a poente (Fig. 5, à direita) apresenta igualmente uma asa singela e dispõe de uma cegonha que terá permitido, em tempos, o seu bamboar. É o sino com mais elementos decorativos deste conjunto, tendo vários cordões, duas bandas de rendilhas de cariz vegetalista e um crucifixo<sup>22</sup>. Este sino, tal como o sino a nascente, carece de intervenção urgente, uma vez que, segundo Ana Mendes, o badalo já tombou duas vezes.



**Fig. 5.** Imagem à esquerda: sino a sul, Corte do Pinto, 29 de novembro de 2023;  
imagem à direita: sino a poente, Corte do Pinto, 29 de novembro de 2023

Fonte: Fotografias do autor

<sup>22</sup> Optámos por adotar a nomenclatura proposta por Diana Felícia no artigo *Em nome de quem os sinos dobram: a coleção de carimbos da Fundição de Sinos de Rio Tinto* (Felícia 2020, p. 177).

A inscrição no sino «CANDIDO ROIZ BELLAS LISBOA 1874» indica-nos que terá sido fundido em 1874 por Cândido Rodrigues Belas, de Lisboa. Tal como nos restantes sinos desta torre, não encontrámos documentação referente à sua encomenda.

Conhecem-se vários sinos a sul do Tejo fundidos por Cândido Rodrigues Belas: três sinos da Igreja do Espírito Santo (Montijo<sup>23</sup>, 1867) (Valdez 1912b, p. 547); oito sinos da Igreja de Santo Antão (Évora, 1856) (TAAC [s.d.]; FSBSSJF 2023, pp. 11-16); um sino da Igreja e Convento de Santo António da Piedade (Redondo, 1873) (SIPA 2011b); um sino da Igreja Matriz de Santo Estêvão (Beringel, 1877) (Espanca 1992, p. 228). Este fundidor também produziu sinos para antigos territórios portugueses, por exemplo, para Goa, onde se localizam três sinos originários de igrejas cristãs e que se encontram atualmente no templo hindu Sri Shantadurga de Dhargal (Pernem Taluka, 1818, 1870 e 1871)<sup>24</sup> (Sanjeev V Sardesai 2020). No Brasil, conserva-se um sino usado no Engenho Novo<sup>25</sup>, no município de São Miguel de Taipu (Paraíba, 1864)<sup>26</sup> (Correia [s.d.]). A fundição de sinos de Portugal para o território brasileiro, durante o período colonial, foi um dos aspetos estudados por Luís Sebastian através da documentação do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa (Sebastian 2014).

Como referido anteriormente, não encontrámos nenhum documento relativo à encomenda dos sinos de Corte do Pinto, o que não significa que essa documentação não exista. A análise de algumas fontes faz-nos suspeitar que, para além da hipótese já apresentada em relação ao sino nascente, outro dos sinos atuais tenha sido transferido de outra igreja ou capela. Como já foi esclarecido, as Visitações de 1565 informam-nos que existia um campanário com uma campa. Não nos foi possível perceber quando é que esta campa ou pequeno sino foi substituído, uma vez que, no inventário de 1887, é referido que existiam na sacristia «duas campainhas de bronze sendo uma partida» e «um sino de bronze na torre» (ADB. *Inventário e revisão dos bens...*, [1887]). É coerente pensar que o sino inventariado dissesse respeito a um dos dois sinos atuais, o sino a sul (1862) ou o sino a poente (1874), que ainda lá estaria aquando do Auto de Arrolamento de Bens de 1911, onde se inventariou «um sino e duas sinetas de bronze» (ADMF. *Auto de Arrolamento de Bens Culturais...*, [1911]). Porém, uma cruz na margem da folha indica-nos que, em algum momento posterior, aqueles objetos deixaram de integrar o património da igreja. A ser assim, à partida, não se tratava de nenhum dos atuais sinos suspensos na primitiva torre. Futuras investigações poderão ajudar a esclarecer esta questão, sobretudo se for possível rastrear a origem da encomenda deste conjunto.

Um dos aspetos que consideramos pertinentes é o facto de as datas de fundição de ambos os sinos coincidirem com as primeiras décadas de atividade da mina e, conseqüentemente, corresponderem a um período de aumento exponencial de paroquianos. A possibilidade de algum dos sinos ter vindo de uma paróquia próxima

---

<sup>23</sup> Denominado à época Aldeia Galega do Ribatejo.

<sup>24</sup> Tradução livre a partir de Sanjeev V Sardesai 2020.

<sup>25</sup> Engenho designa as antigas unidades de transformação de cana-de-açúcar presentes nas fazendas brasileiras.

<sup>26</sup> Note-se que o autor não cita a fonte desta informação.



**Fig. 6.** Sino do relógio, Corte do Pinto,  
29 de novembro de 2023

Fonte: Fotografias do autor

poderá também ser uma hipótese, nomeadamente na sequência das obras realizadas na torre da Igreja de Santana de Cambas, em 1891. É possível que, dada a envergadura do empreendimento, se tenha justificado a encomenda de novos sinos para a referida igreja, uma vez que foi noticiada, de forma exagerada, a elevação da torre como não ficando «aquém da catedral de Rouen, ou das pirâmides do Egipto» (CEMSD [1891]).

O sino do relógio (Fig. 6), conhecido na aldeia como sino das horas ou sino novo, é composto por uma asa singela. Encontra-se disposto num cabeçalho de madeira com o que nos parece ser uma cegonha inutilizada. Possui a inscrição «COUSINHA – ALMADA 1966» e é decorado com várias linhas de cordões, duas bandas de rendilhas vegetalistas, um ostensório na face voltada ao interior da torre e um crucifixo resplendorado na face oposta. Segundo a Fundação de Braga, este será um modelo de sino moderno «de nota RE#» com 150 kg de peso e 60 cm de diâmetro<sup>27</sup>.

O pedido do relógio e sino está orçamentado no processo de construção da torre. A empresa visada, já enunciada na inscrição do sino, é A Boa Construtora – Fábrica de Relógios Monumentais, Relógios para Torres, Carrilhões, Sinos, etc., fundada em 1930 por Manuel Francisco Cousinha em Almada (Breve história do

<sup>27</sup> Informação gentilmente cedida pela Fundação de Sinos de Braga, Serafim da Silva Jerónimo & Filhos, Lda.

relógio [s.d.]). Apesar da marca, é possível que este sino tenha sido fundido noutra lugar, de acordo com a prática deste fabricante de relógios, que vendia as suas máquinas com sinos incluídos e, por isso, «encomendava aos fundidores, muitas vezes solicitando que o seu nome fosse impresso nos sinos para poder instalá-los a operar com os seus relógios» (Vieira 2022, p. 85). A partir da dissertação de Diana Felícia, inferimos que o sino tenha sido fundido na fábrica de fundição de sinos de Rio Tinto (Gondomar) pois, no início da década de 60, estas empresas tornaram-se parceiras de negócios (Felícia 2019, p. 53), existindo registos de vários sinos fundidos em Rio Tinto para a Cousinha na mesma cronologia<sup>28</sup>. Só existindo duas fábricas a fundir sinos à época, a de Braga e a de Rio Tinto, e estando a Cousinha de relações cortadas com a fundição de Braga<sup>29</sup>, parece-nos certa esta suposição.

No orçamento anexado aos documentos da torre do relógio é possível verificar que o custo do «Relógio e sino» para a torre foi de 23 500\$00 (vinte e três mil e quinhentos escudos), tendo os «3 sinos menores» um custo de 6000\$00 (seis mil escudos). Destes últimos, não se encontram quaisquer vestígios, pelo que inferimos, por isso, que nunca tenham sido adquiridos.

Em meados da segunda metade do século XX, o relógio, originalmente com o mostrador em mármore<sup>30</sup>, foi substituído por um de «Tipo Árabe de 100 cm de diâmetro»<sup>31</sup>. Atualmente, o sino toca de forma automática através de um relógio computadorizado e um martelo de picar instalado pela empresa Serafim da Silva Jerónimo & Filhos, Lda., a 2 de dezembro de 1993<sup>32</sup>. A inscrição no mostrador «JERÓNIMO BRAGA» e o manual «Instruções de funcionamento do relógio de torre computadorizado», na posse da Junta de Freguesia, corroboram esta informação.

O toque do sino está automatizado e apenas é usado para tocar as horas e as «horas meias»<sup>33</sup>. Diariamente, o passar do tempo é enunciado duas vezes, primeiro dois minutos antes da hora e depois na hora exata. O número de badaladas corresponde à hora que anuncia, com exceção das horas meias em que o sino é repicado apenas uma vez.

### 3. A IGREJA E OS SINOS DA MINA DE SÃO DOMINGOS

Igualmente posicionada numa elevação, na zona central da povoação encontra-se a Igreja da Mina de São Domingos (Fig. 7), templo imponente de feição revivalista que se destaca na paisagem urbana da aldeia. Prova desse revivalismo são os botarés

<sup>28</sup> Veja-se o «Apêndice 4 – Tabela de Recolha e Inventariação de Correspondência, 1957-1970» do Volume II da dissertação de Diana Felícia (Felícia 2019).

<sup>29</sup> Veja-se o «Capítulo 4.1.2. "Há males que vêm por bem": o caso da parceria que correu mal, mas que abriu as portas de um novo ofício», da dissertação de Mestrado de Yuri Vieira (Vieira 2022, pp. 82-86).

<sup>30</sup> Informação obtida através de conversa informal com Idália Barbosa.

<sup>31</sup> Informação gentilmente cedida pela Fundação de Sinos de Braga, Serafim da Silva Jerónimo & Filhos, Lda.

<sup>32</sup> Informação gentilmente cedida pela Fundação de Sinos de Braga, Serafim da Silva Jerónimo & Filhos, Lda.

<sup>33</sup> «Horas Meias» é a designação para o toque dado a assinalar as meias horas presente no manual *Instruções de funcionamento do relógio de torre computadorizado*.

«cilíndricos de tijolos sobrepujados de coruchéus cónicos» mencionados no documento *Informação da Direcção, n.º 164* (ADB. *Documentos apensos à Escritura...*, [1950]), projetados de forma a «conferir-lhe traça arquitetónica, embora modesta, do estilo gótico alentejano, de que são exemplares a Igreja de S. Brás em Évora e a de S.to André em Beja» (ADB. *Documentos apensos à Escritura...*, [1950]).

Orientada de sudeste para noroeste, possui planta de nave longitudinal com uma capela-mor mais estreita. A torre sineira encontra-se no lado da epístola, adossada à lateral da capela-mor.

O nome desta povoação, e do complexo mineiro, tem origem na pequena ermida e serro com a toponímia homónima, que se encontravam no local onde se começou a explorar a mina. A Ermida de «Sancto Domyngos de Cambas» (Barros, Boiça e Gabriel 1996, p. 367) é referida nas Visitações de 1565 e pertencia à época ao termo de Santana de Cambas. Com os avanços da exploração mineira «e o desenvolvimento do povoado, na proximidade daquele local foi edificada uma imponente igreja católica, inaugurada em 1863» (FSM [s.d.]) que devido aos avanços da extração a céu aberto do chapéu de ferro teve de ser demolida em 1876. Foi por isso necessária a construção do novo templo, erigido «num “terreiro” dominante da parte urbana da mina onde está instalada a sua Administração» (*Informação da Direcção, n.º 164*). Porém, acabou por ser destruída num incêndio em agosto de 1938. A 2 de dezembro de 1951 é inaugurada a atual igreja no mesmo local da anterior (CEMSD [s.d.])b).

A publicação *online* do Centro de Estudos da Mina de São Domingos (CEMSD) transcreve o «documento número 5 intitulado “Memórias”, referente à Escritura de Empreitada da Igreja da Mina de São Domingos, lavrada no livro de Notas para Escrituras Diversas número 81-C do Cartório Notarial de Beja» e os «documentos apensos à referida escritura», datada de 1950 (CEMSD [s.d.])b). Tivemos acesso a toda a documentação presente na referida escritura no Arquivo Distrital de Beja que inclui procurações, vários desenhos do projeto (Fig. 8) e o Caderno de Encargos (ADB. *Documentos apensos à Escritura...*, [1950]).



**Fig. 7.** Igreja da Mina de São Domingos, abril de 2024

Fonte: Imagem retirada da plataforma Google Street View

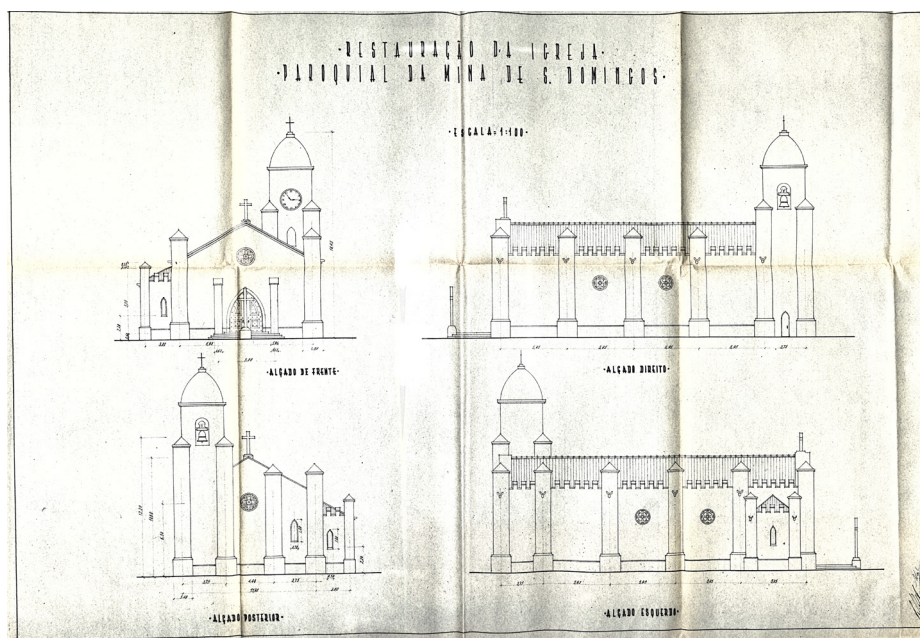


Fig. 8. Alçados do projeto de restauro da Igreja da Mina de São Domingos

Fonte: ADB. *Documentos apensos à Escritura...*, [1950]

O projeto para a igreja é entendido como uma obra de restauro da anterior, uma vez que algumas paredes e a torre da igreja estariam em condições de serem reintegradas na nova empreitada. Sobre a torre é referido, na página 2 do documento *Memória*, que «foram suprimidas as ameias e foi projetada uma cúpula a executar com abóbada de tijolo com argamassa hidráulica e guarnecimento interior e exterior de caiação a branco, encimada com uma cruz de ferro» (ADB. *Documentos apensos à Escritura...*, [1950]).

Note-se que, apesar de não ser a sede da paróquia, a Igreja da Mina de São Domingos rivaliza em monumentalidade com a igreja paroquial, aspeto facilmente justificado pela importância que a mina teve como local de extração mineira concessionada à empresa Maison & Barry, Limited «durante cerca de cento e sete anos» (Custódio 2013, p. 33), entre 1859 e 1966.

A igreja possui três sinos (Fig. 9). Todos se localizam na torre sineira da igreja suspensos em cabeçalho fixo. Apesar de serem idênticos entre si, possuem variações de peso e tamanho. Segundo a Fundação de Braga, são sinos de «modelo antigo»: o sino de nota LA pesa 380 kg e possui 90 cm de diâmetro; o sino de nota SI pesa 265 kg e tem 81 cm de diâmetro; e o sino de nota DO pesa 220 kg e apresenta um diâmetro de 77 cm<sup>34</sup>.

<sup>34</sup> Informação gentilmente cedida pela Fundação de Sinos de Braga, Serafim da Silva Jerónimo & Filhos, Lda.



**Fig. 9.** Da esquerda para a direita: o sino do alçado esquerdo, a sudoeste, agosto de 2024; o sino do alçado posterior, a noroeste, agosto de 2024; o sino do alçado direito, a nordeste, agosto de 2024

Fonte: Fotografia do autor

Os sinos são sóbrios, tendo apenas nove feixes de cordões como ornamento e inscrições. O perfil exterior dos sinos remete-nos para o sino nascente de Corte do Pinto; apesar de a sua curvatura ser mais pronunciada, o ombro é igualmente angular.

Como já referido, os sinos apresentam inscrições. Os efeitos do tempo e da exposição aos elementos na superfície externa dos sinos e a impossibilidade de ler a face virada para o exterior da torre não nos permitem ter a certeza de que as inscrições fossem as mesmas em todos os sinos. Porém, através do registo fotográfico cedido por José Zarcos Palma, percebemos que, pelo menos um, ostenta a inscrição: «O COBRE DE QUE HE FEITO ESTE SINO FOI EXTRAHIDO DESTA MINA DE S. DOMINGOS A.D. 1866». A leitura parcial da inscrição na face virada ao exterior foi possível graças às fotografias publicadas por António Pacheco nas redes sociais<sup>35</sup>, que permitiram ler o nome do fundidor e a data de fundição de um dos sinos numa faixa imediatamente abaixo do ombro: «JOHN WARNER & SONS CRESCENT FOUNDRY [...] IN 1867». Ao centro da barriga, encontra-se a inscrição «SANTA BARBARA».

Fundidos em 1867, os sinos foram encomendados pela empresa exploradora do complexo mineiro à John Warner & Sons Crescent Foundry para a primeira igreja erguida na Mina de São Domingos. Esta informação já tinha sido assinalada pela publicação online do CEMSD (CEMSD [s.d.])<sup>b</sup>, que afirma que o sino da primeira igreja terá sido «fabricado em Londres, propositadamente para a primeira igreja com cobre extraído de S. Domingos» (CEMSD [s.d.])<sup>b</sup>. Apesar de a publicação referida não

<sup>35</sup> A publicação encontra-se acessível no Facebook do Grupo de Amigos da Mina de S. Domingos, disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=928127170551430&set=pcb.1009358189091769>.

apresentar a fonte desta informação, supomos que possa ter sido aferida através das inscrições presentes nos sinos. O transporte de bens de Inglaterra para a Mina de São Domingos não é invulgar se tivermos em conta que, segundo as tradições do culto anglicano, «o húmus térreo» usado no popularmente designado cemitério dos ingleses «foi importado da Grã-Bretanha, dado que a comunidade não aceitava ser sepultada em solo estrangeiro e cristão» (Custódio 2013, p. 173). Igualmente importado de Inglaterra terá sido o mobiliário urbano em ferro fundido usado na urbanização da aldeia (Carvalho 2009, p. 135).

John Warner & Sons Crescent Foundry foi uma renomada fundição de sinos inglesa fundada em 1739 e encerrada em 1949 (GGBIH [s.d.]b). A empresa esteve sempre na mesma família desde a sua origem e, para além de responder a encomendas em território inglês, fundiu de igual forma sinos e carrilhões para todo o mundo, nomeadamente Nova Zelândia, Austrália, Índia, Tanzânia, África do Sul, Espanha, Noruega, Estados Unidos da América e Canadá (TB 2021). Uma das suas encomendas mais notáveis foi o primeiro grande sino para a torre do relógio do Palácio de Westminster, mais conhecido por Big Ben, que ocupa um lugar de destaque no nosso imaginário coletivo. Fundido em 1856, na vila de Norton, na região de Yorkshire e Humber, o sino de dimensões gigantescas foi transportado por linhas férreas e por mar até Londres (GGBIH [s.d.]a). Ainda durante o período de testes no local provisório, em outubro de 1857, surgiu uma rachadura no corpo do sino que ditou a sua refundição. Devido a inconciliações a respeito da responsabilidade, o sino acabou por ser refundido pela Whitechapel Bell Foundry, em 1858. Na época especulou-se sobre o caso e argumentou-se que tinha sido provocado pelas dimensões colossais deste objeto, que pesava 16 toneladas, pela composição da liga metálica utilizada ou ainda pelo peso desadequado do martelo que teria 660 kg (GGBIH [s.d.]b).

A ausência da representação iconográfica de santa Bárbara, evocada apenas através do seu nome, é concordante com o espírito anglicano dos dirigentes da empresa mineira. Contudo, o patronato de santa Bárbara em sinos da Igreja Católica tornou-se recorrente a partir do século XV, à qual acresce a génese mineira da sua localidade, atividade da qual a virgem mártir era também protetora. O patronato de santa Bárbara em sinos é recorrente (Felícia 2020, p.172):

*Santa Bárbara oferece proteção contra as trovoadas e relâmpagos, sendo igualmente evocada em situações de morte súbita. Ademais, a jovem mártir é ainda patrona dos artífices e artelheiros, assim como dos arquitetos, mineiros, canteiros, fundidores de sinos e tocadores de carrilhão* (Felícia 2019, p. 104).

Na coleção de carimbos da Fundição de Sinos de Rio Tinto, santa Bárbara é das devoções mais representadas, ficando apenas atrás da representação de são Pedro e em pé de igualdade com as de santo António e são Sebastião (Felícia 2020).

A relação entre o patronato de santa Bárbara e a atividade mineira é desenvolvida na dissertação de Hélia Gama que aborda o culto à imagem de santa Bárbara que se encontrava no interior da mina de S. Pedro da Cova, em Gondomar (Gama 2022). Santa Bárbara encontra-se presente também na Mina de São Domingos, sendo uma das imagens celebradas e que saíam recorrentemente em procissão, como refere Hélia Gama, através da obra de Leite Vasconcelos:

*no seu dia, levam a Sua imagem num andor e durante a procissão (e todo o dia) são disparados tiros de pólvora seca. Os tiros, que são uma prática comum a outras minas, representam o seu caráter lendário fazendo analogia aos trovões, raios e explosões das quais protege e segundo os quais o seu pai havia sido fulminado dessa forma (Vasconcelos apud Gama 2022, p. 62).*

Na página do CEMSD estão disponíveis várias fotografias da dita procissão (CEMSD [1907]; CEMSD [1947]; CEMSD [194-]; Ribeiro [1937]).

A 25 de março de 2024, foi instalado um relógio computadorizado *Maestro2*, dois martelos de picar e um telecomando de oito canais<sup>36</sup>. Este sistema automático foi fornecido por Serafim da Silva Jerónimo & Filhos, Lda. O mostrador não foi substituído, mantendo-se o mesmo de tipo romano e 100 cm de diâmetro<sup>37</sup>. As fotografias partilhadas, em 2012, por José Zarcos Palma nas redes sociais mostram-nos o anterior mecanismo, que funcionaria antes do sistema eletrónico. A atravessar verticalmente a exígua escadaria da torre encontram-se as cordas presas aos badalos, provas do toque manual aqui praticado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um estudo de caso, este artigo procura alargar o conhecimento sobre os sinos e o seu tanger. Durante o período que dedicamos a este tema, percebemos o quão complexo é entender o percurso que estes objetos litúrgicos fizeram desde a sua fundição até ao lugar que ocupam atualmente. Enquanto o rastreamento de alguns surguiu de forma bem informada, como é o caso do sino do relógio em Corte do Pinto, outros revelaram-se um verdadeiro enigma, tendo levantado mais perguntas do que respostas. Veja-se o caso dos três sinos presentes na antiga torre sineira de Corte do Pinto cuja origem não conseguimos esclarecer de forma taxativa. Deixamos em aberto ao longo deste texto uma série de questões que podem ser estudadas e aprofundadas no futuro através de novos métodos e perspetivas.

Os sinos estudados reforçam o conhecimento sobre a ampla difusão do trabalho dos seus fundidores, pensado para o mercado nacional e internacional. É o caso de

---

<sup>36</sup> Informação gentilmente cedida pela Fundação de Sinos de Braga, Serafim da Silva Jerónimo & Filhos, Lda.

<sup>37</sup> Informação gentilmente cedida pela Fundação de Sinos de Braga, Serafim da Silva Jerónimo & Filhos, Lda.

Cândido Rodrigues Belas, com obras no Brasil e em Goa ou o da fundição inglesa de John Warner, responsável pela primeira fundição do Big Ben e que executou os sinos da Mina de São Domingos, uma localidade distante no interior de Portugal, mas que a exploração mineira tornou menos isolada.

No nosso entendimento, os sinos destas localidades são objetos que traduzem através da sua materialidade duas realidades diferentes: Corte do Pinto, uma aldeia de interior num meio físico hostil e com pouco poder económico, em que alguns dos pequenos sinos poderão ter vindo de outras igrejas; a Mina de São Domingos, fundada para servir o próspero complexo mineiro e cujos sinos foram encomendados e transportados desde Inglaterra até ao interior de Portugal. Este contraste que a materialidade dos objetos nos revela não é apenas uma mera curiosidade, mas sim um meio de demonstrar como o estudo dos objetos permite dar a conhecer aspetos determinantes da história dos lugares.

Nas últimas décadas, o estudo das relações entre o som e os territórios (as chamadas paisagens sonoras) tem vindo a ser reconhecido em «diferentes áreas científicas, promovendo o desenvolvimento de novos campos de estudo e incentivando, a partir da abordagem interdisciplinar, novas reflexões em torno da cultura aural» (Conde, Sá e Paula 2021). Destacamos, por isso, a importância do tanger dos sinos enquanto património imaterial integrado na paisagem sonora local e, consequentemente, o papel dos/as últimos/as tocadores/as de sinos para a continuidade deste património vivo. As transformações a que este património intangível está sujeito reflete-se nas alterações que os toques dos sinos sofrem através da sua automatização e progressivo silenciamento<sup>38</sup>.

Apesar de, por enquanto, o tanger manual estar assegurado nestas aldeias, seria pertinente um estudo alargado sobre esta prática. A divulgação deste património junto das comunidades e das gerações mais novas será uma forma de garantir a sua continuidade e de fomentar a autovalorização de todos os envolvidos. Pelos motivos expostos, esperamos que este estudo seja um ponto de partida para o futuro e que ajude a pensar, nas suas linhas de investigação possíveis, um património em potência para o território.

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem o contributo de todos os que nos dedicaram o seu tempo e disponibilidade. Começamos, por isso, por agradecer à tocadora de sinos de Corte do Pinto, Ana Mendes. Sem a sua colaboração, este trabalho não teria tido início. Queremos também agradecer à Junta de Freguesia de Corte do Pinto, que, através de Idália Barbosa, Ana Branco, Fátima Fernandes e do Presidente de

---

<sup>38</sup> Veja-se o artigo no jornal *Público* sobre o fim do toque de horas noturno que dividiu e indignou os habitantes da aldeia de Santana de Cambas (Mértola): <https://www.publico.pt/2023/08/18/local/noticia/sino-santana-cambas-j-ao-toca-24-horas-dia-aldeia-dividiuse-2060459>.

Junta, Ricardo Godinho, nos abriram portas fundamentais para a concretização deste estudo. Agradecemos, de igual forma, o apoio prestado por Andreia Santos, António Pacheco, Francisco Cardeira, Joaquim Cardeira, José Zarcos Palma, Leonor Gonçalves, Sara Ribeiro e Soraia Cruz, nomes por nós conhecidos e que fazem parte da história da terra.

Agradecemos à Fundação de Sinos de Braga Serafim da Silva Jerónimo & Filhos pela informação partilhada sobre os relógios e os sinos das torres estudadas.

Por fim, à orientação prestada pela Professora Doutora Ana Cristina Sousa, que nos inspirou a olhar para os sinos e para a tradição sineira com um outro olhar.

## FONTES

### Arquivo Digital – Ministério das Finanças

ADMF. *Auto de Arrolamento de Bens Culturais. Corte do Pinto*, [1911] [Em linha]. Código de referência: PT/ACMF/CJBC/BEJ/MER/ARROL/002 [consult. 2024-08-17]. Disponível em: [https://purl.sgmf.gov.pt/129238/1/129238\\_item1/index.html](https://purl.sgmf.gov.pt/129238/1/129238_item1/index.html).

### Arquivo Distrital de Beja

ADB. *Inventário e revisão dos bens, paramentos, alfaias, joias e mais utensílios de culto da Igreja de Corte do Pinto*, [1887] [Em linha]. Código de referência: PT-ADBJA-GCBJA-Correspondência expedida/recebida do administrador do concelho de Mértola do ano de 1887 [consult. 2024-08-17]. Disponível em: <https://adbja.dglab.gov.pt/inventario-e-revisao-dos-bens-paramentos-alfaias-joias-e-mais-utensilios-de-culto-da-igreja-de-corte-do-pinto>.

ADB. *Documentos apensos à Escritura de Empreita da Igreja da Mina de São Domingos lavrada no livro de Notas para Escrituras Diversas número 81-C do Cartório Notarial de Beja*, [1950]. Código de referência: PT-ADBJA-NOT-CNBJA1-001-0270.

### Junta de Freguesia de Corte do Pinto

JFCP. *Dossiê referente à construção da Torre da Igreja*, [1964-1966]. Sem cota ou referência arquivística.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Helena, 1997. *Mina de S. Domingos, Génese, Formação Social e Identidade Mineira*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. ISBN 972-9375-07-0.
- BARROS, Maria de Fátima Rombouts de, Joaquim Ferreira BOIÇA, e Celeste GABRIEL, 1996. *As comendas de Mértola e Alcaria Ruiva. As visitasões e os tombos da ordem de Santiago 1482-1607*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. ISBN 972-9375-06-2.
- BARROS, Maria de Fátima Rombouts de, e Joaquim Ferreira BOIÇA, 1995. *As Terras, As Serras, os Rios. As Memórias Paroquiais de Mértola do ano de 1758*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. ISBN 972-9375-05-4.
- BENEDETTI, Marina, e Teresinha DUARTE, ed., 2017. *OPIS: Dossiê História Religiosa na Itália e no Brasil* [Em linha]. Goiás: Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Unidade Acadêmica Especial História e Ciências Sociais. Jul/dez., 17(2) [consult. 2024-11-12]. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/Opis/article/download/50052/24586#page=87>.
- BOIÇA, Joaquim Ferreira, 1998. *Imaginária de Mértola: tempos, espaços, representações*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. ISBN 972-9375-08-9.

- Breve história do relógio. Em: *Cousinha, relógios de torre e sinos* [Em linha] [s.d.] [consult. 2024-08-26]. Disponível em: <https://www.cousinha.pt/historia-rel-breve/default.htm>.
- CARVALHO, Rui Emanuel Galvão, 2009. *Património Industrial e Valorização do Território. A Mina de São Domingos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade NOVA de Lisboa.
- CEMSD [CENTRO DE ESTUDOS DA MINA DE SÃO DOMINGOS], [1947]. Procissão de Santa Bárbara. Em: *CEMSD* [Em linha]. Página *online* do Centro de Estudos da Mina de São Domingos. Sem cota ou referência arquivística [consult. 2024-08-05]. Disponível em: <https://www.cemsd.pt/node/11180>.
- CEMSD [CENTRO DE ESTUDOS DA MINA DE SÃO DOMINGOS], [194-]. Procissão a Santa Bárbara. Em: *CEMSD* [Em linha]. Página *online* do Centro de Estudos da Mina de São Domingos. Sem cota ou referência arquivística [consult. 2024-08-05]. Disponível em: <https://www.cemsd.pt/node/2179>.
- CEMSD [CENTRO DE ESTUDOS DA MINA DE SÃO DOMINGOS], [1907]. Procissão a Santa Bárbara. Em: *CEMSD* [Em linha]. Página *online* do Centro de Estudos da Mina de São Domingos. Sem cota ou referência arquivística [consult. 2024-08-05]. Disponível em: <https://www.cemsd.pt/node/74>.
- CEMSD [CENTRO DE ESTUDOS DA MINA DE SÃO DOMINGOS], [1891]. Notícias da Mina. Em: *CEMSD* [Em linha]. Página *online* do Centro de Estudos da Mina de São Domingos. Sem cota ou referência arquivística [consult. 2024-08-05]. Disponível em: <https://www.cemsd.pt/node/11102>.
- CEMSD [CENTRO DE ESTUDOS DA MINA DE SÃO DOMINGOS], [s.d.]a. Escola primitiva da Mina. Em: *CEMSD* [Em linha]. Página *online* do Centro de Estudos da Mina de São Domingos. Sem cota ou referência arquivística [consult. 2024-08-05]. Disponível em: <https://www.cemsd.pt/node/15966>.
- CEMSD [CENTRO DE ESTUDOS DA MINA DE SÃO DOMINGOS], [s.d.]b. Memória. A nova igreja da Mina de São Domingos Em: *CEMSD* [Em linha]. Centro de Estudos da Mina de São Domingos [consult. 2024-08-05]. Disponível em: [https://issuu.com/cemsd/docs/memoria\\_texto\\_merged/1?ff=true](https://issuu.com/cemsd/docs/memoria_texto_merged/1?ff=true).
- CONDE, Antónia Fialho, Vanda de SÁ, e Rodrigo Teodoro de PAULA, 2021. Introdução. Em: Antónia Fialho CONDE, Vanda de SÁ, e Rodrigo Teodoro de PAULA, eds. *Paisagens sonoras históricas. Anatomia dos sons nas cidades* [Em linha]. Évora: CIDEHUS [consult. 2024-11-11]. Disponível em: <https://books.openedition.org/cidehus/17597>.
- CORREIA, José Adriano Gomes, [s.d.]. Engenhos da região do Baixo Paraíba localizados no município de São Miguel do Taipu. Em: *Meu Artigo* [Em linha] [consult. 2024-08-17]. Disponível em: <https://meuartigo.brasilescuela.uol.com.br/geografia/engenhos-regiao-baixo-paraiba-localizados-no-municipio-sao-miguel-taipu-pb.htm>.
- CUNHA, Mário Raul de Sousa, 2012. «[...] visitando nós ora pessoalmente o dito mestrado de Santiago [...]». *As Igrejas da Ordem Militar de Santiago. Arquitectura e Materiais*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- CUSTÓDIO, Jorge, 2013. *Mina de S. Domingos. Território, História e Património Mineiro*. Lisboa: SOCIUS – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações; ISEG – Lisboa School of Economics & Management, Universidade de Lisboa. ISBN 978-989-96593-3-9.
- D'ABREU, Alexandre Cancela, Teresa Pinto CORREIA, e Rosário OLIVEIRA, coord., 2004. *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*. Lisboa: Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. Vol. V. ISBN 972-8569-28-9.
- ESPANCA, Túlio, 1992. *Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Beja, Concelhos de Alvito, Beja, Cuba, Ferreira do Alentejo e Vidigueira*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes. Vol. I.
- FELÍCIA, Diana, 2020. Em nome de quem os sinos dobram: a coleção de carimbos da Fundação de Sinos de Rio Tinto. *Revista Mvsev*. Série IV, (24), 167-184.

- FELÍCIA, Diana, 2019. *De Campanis Fundentis. A Fábrica de Fundição de Sinos de Rio Tinto*. Relatório de 2.º Ciclo de Estudos em História da Arte, Património e Cultura Visual, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- FSBSSJF [FUNDIÇÃO DE SINOS DE BRAGA SERAFIM DA SILVA JERÓNIMO & FILHOS], 2023. *Intervenção de Restauro e Conservação dos Sinos do Carrilhão e respectivo sistema de toque manual da Igreja de Santo Antão – Évora. Relatório de intervenção* [Em linha] [consult. 2024-08-17]. Disponível em: [https://hcommons.org/app/uploads/sites/1001218/2023/07/sinos\\_relatorio\\_tecnico.pdf](https://hcommons.org/app/uploads/sites/1001218/2023/07/sinos_relatorio_tecnico.pdf).
- FSM [FUNDAÇÃO SERRÃO MARTINS], [s.d.]. Igreja de S. Domingos. Em: *Fundação Serrão Martins* [Em linha] [consult. 2024-08-05]. Disponível em: <https://www.fundacaoserraomartins.pt/index.php?id=igreja-de-s-domingos&lang=pt>.
- GAMA, Hélia Luís, 2022. *Ajoelhados a teus pés imploramos a tua proteção. Devoção a Santa Bárbara nas minas de S. Pedro da Cova*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- GGBIH [GRACE'S GUIDE TO BRITISH INDUSTRIAL HISTORY], [s.d.].a. Big Ben. Em: *Grace's Guide to British Industrial History* [Em linha] [consult. 2024-09-02]. Disponível em: [https://www.gracesguide.co.uk/John\\_Warner\\_and\\_Sons](https://www.gracesguide.co.uk/John_Warner_and_Sons).
- GGBIH [GRACE'S GUIDE TO BRITISH INDUSTRIAL HISTORY], [s.d.].b. John Warner and Sons. Em: *Grace's Guide to British Industrial History* [Em linha] [consult. 2024-09-02]. Disponível em: [https://www.gracesguide.co.uk/John\\_Warner\\_and\\_Sons](https://www.gracesguide.co.uk/John_Warner_and_Sons).
- PAULA, Rodrigo Teodoro de, 2021. Vozes «brônzeas» na paisagem sonora eborense. Em: Antónia Fialho CONDE, Vanda de SÁ, e Rodrigo Teodoro de PAULA, eds. *Paisagens sonoras históricas. Anatomia dos sons nas cidades* [Em linha]. Évora: CIDEHUS [consult. 2024-08-10]. Disponível em: <https://books.openedition.org/cidehus/17455>.
- RIBEIRO, José Damásio, [1937]. Junto dos túneis da mina. Em: *CEMSD* [Em linha]. Página online do Centro de Estudos da Mina de São Domingos. Sem cota ou referência arquivística [consult. 2024-08-05]. Disponível em: <https://www.cemspd.pt/node/2180>.
- RODRIGUES, Catarina Sequeira, 2017. *Baldio da Serra de Mértola. Uma História da Paisagem*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- SANJEEV V SARDESAI, 2020. Some important chimes in Goa. *The Navhind Times* [Em Linha] 2020-06-23. [consult. 2024-08-17]. Disponível em: <https://www.navhindtimes.in/2020/06/23/magazines/buzz/some-important-chimes-in-goal/>.
- SEBASTIAN, Luís, 2014. A Fundição de Sinos do Reino para o Brasil na documentação do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. *Portvgalia, Revista de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP*. Porto: DCTP-FLUP. Nova Série, 35, 117-150.
- SEBASTIAN, Luís, 2008. *Subsídios para a História da fundição sineira em Portugal* [Em linha]. Coruche: Câmara Municipal de Coruche, Museu Municipal de Coruche. *Trajectos da História*, 3 [consult. 2024-07-08]. Disponível em: [https://issuu.com/museumunicipalcoruche/docs/hist\\_\\_ria\\_da\\_fundi\\_\\_\\_o\\_sineira\\_em\\_](https://issuu.com/museumunicipalcoruche/docs/hist__ria_da_fundi___o_sineira_em_). ISBN 978-972-99637-7-3.
- SILVA, Isabel, coord., 1998. *Dicionário Enciclopédico das freguesias*. Matosinhos: MinhaTerra. Vol. 4. ISBN 972-97885-0-2.
- Sineiro. Em: *Priberam* [Em linha][s.d.]. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [consult. 2024-09-23]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/sineiro>.
- SIPA [SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO], 2011a. Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Em: *SIPA* [Em linha] [consult. 2024-08-16]. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6628](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6628).
- SIPA [SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO], 2011b. Igreja e Convento de Santo António da Piedade. Em: *SIPA* [Em linha] [consult. 2024-08-17]. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=8964](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8964).

- SIPA [SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO], 2011c. Igreja Paroquial de Corte do Pinto/Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Em: SIPA [Em linha] [consult. 2024-05-13]. Disponível em: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4417](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4417).
- SOUSA, Ana Cristina Correia de, 2010. «*Tytolo da prata [...], do arame, estanho e ferro [...], latam cobre ecousas meudas...*» *Objectos litúrgicos em Portugal (1478-1571)*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- TAAC [TAGUS ATLANTICUS ASSOCIAÇÃO CULTURAL], [s.d.]. Projeto de restauro do carrilhão da Igreja de Santo Antão de Évora. Em: *Tagus Atlanticus Associação Cultural* [Em linha] [consult. 2024-08-17]. Disponível em: <https://www.tagusatlanticus.org/c%C3%B3pia-fio-2022>.
- TB [TOWER BELLS], 2021. Index to carillons and chimes by Warner. Em: *Tower Bells* [Em linha] [consult. 2024-09-04]. Disponível em: <http://www.towerbells.org/data/IXfoundryWarner.html>.
- VALDEZ, J. J. D'Ascensão, 1916. Campanários em Portugal. Igreja do Santíssimo Nome de Jesus. *Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses* [Em linha]. Tomo XIII, 5.ª Série, (5), 201-208 [consult. 2024-08-16]. Disponível em: [https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia\\_historia/serie\\_5/Tomo%20XIII/AH\\_serie5\\_TomoXIII\\_Bol5.pdf](https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia_historia/serie_5/Tomo%20XIII/AH_serie5_TomoXIII_Bol5.pdf).
- VALDEZ, J. J. D'Ascensão, 1912a. Campanarios em Portugal. Igreja do Santíssimo Nome de Jesus. *Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses* [Em linha]. Tomo XII, 5.ª Série, (9), 411-427 [consult. 2024-08-16]. Disponível em: [https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia\\_historia/serie\\_5/Tomo%20XII/AH\\_serie5\\_TomoXII\\_Bol9.pdf](https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia_historia/serie_5/Tomo%20XII/AH_serie5_TomoXII_Bol9.pdf).
- VALDEZ, J. J. D'Ascensão, 1912b. Campanarios em Portugal. Igreja do Santíssimo Nome de Jesus. *Boletim da Associação dos Arqueólogos Portugueses* [Em linha]. Tomo XIII, 5.ª Série, (12), 539-554 [consult. 2024-08-16]. Disponível em: [https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia\\_historia/serie\\_5/Tomo%20XII/AH\\_serie5\\_TomoXII\\_Bol12.pdf](https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia_historia/serie_5/Tomo%20XII/AH_serie5_TomoXII_Bol12.pdf).
- VIEIRA, Yuri Honorato, 2022. «*Ring them bells*»: *instrumentos musicais e tecnologia numa fábrica de sinos e relógios de torre em Portugal*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.